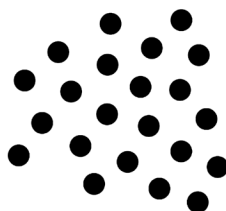


DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-5>



**MUSEO
LÓGICAS**

Museológicas *podcast*: Um relato de experiência da nossa aventura na podosfera

Hugo Menezes Neto

Francisco Sá Barreto dos Santos

Em abril de 2019, um grupo de cinco professorias do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco – Alexandre de Jesus, Daniel Vieira, Elaine Muller, Francisco Sá Barreto e Hugo Menezes Neto – fundaram o projeto de extensão *Museológicas Podcast*. Até o final de 2020, com uma pandemia no meio do caminho, lançamos 79 programas, contabilizando aproximadamente 100 horas de conteúdos divulgados gratuitamente para a sociedade, disponíveis nas principais plataformas gratuitas de *podcast*¹.

Contaremos um pouco da nossa história, motivações, objetivos e desafios. Também descreveremos o nosso processo de trabalho, dinâmica de equipe e, por

1 Anchor, SoundCloud, Spotify, Deezer, Apple Podcast e Google podcast, entre outros.

fim, traremos alguns dados que quantificam nossa experiência ao mesmo tempo em que ajudam a refletir sobre processos e resultados. O intuito é o de trocar experiências com os leitores, ouvintes e produtores de *podcasts*, alimentar um debate em curso acerca das novas formas de difusão científica e da introdução de novas mídias para auxiliar a comunicação entre a universidade e a sociedade.

Um *podcast* como projeto de extensão

As eleições de 2018 e o governo iniciado no ano seguinte consolidaram um forte movimento contra a universidade pública. A função, ou atuação, dessas instituições tem sido questionada pelos políticos que tentam manipular a opinião pública colocando-a contrária à experiência acadêmica brasileira. Por exemplo, em 2019, o ministro da educação acusou a comunidade universitária de fazer “balbúrdia” nos *campi*. Afirmou, sem provas, que “há extensivas plantações de maconha” nas unidades de ensino, decretou severos cortes orçamentários, extinção de bolsas de pesquisa, suspensão de concursos, fim de programas educacionais importantes. Perguntas como “Para que serve a universidade?” ou “o que fazem os professores e alunos?” passaram a circular na esfera pública, especialmente em relação às Ciências Humanas.

Nesse contexto, nós (es cinco professores envolvidos no projeto do *podcast*) discutimos a necessidade de contribuir com esse debate. No entanto, precisávamos encontrar uma forma de ampliar nossa audiência para além da comunidade acadêmica da UFPE e ainda investir em uma linguagem acessível para responder à sociedade. As nossas conversas giravam em torno de novas ferramentas de comunicação, da tecnologia como ferramenta da extensão e da difusão da pesquisa universitária.

Gostaríamos que as pessoas conhecessem o que pensamos e fazemos, acessassem nossa produção e que facilmente compreendessem as discussões propostas, pois reconhecemos que a linguagem dos artigos acadêmicos tem um alcance limitado. A ideia de criar um projeto de extensão voltado para a realização de um *podcast* nos pareceu a mais viável financeiramente, por demandar uma tecnologia de baixo custo para a produção e acesso gratuito para os usuários, também mais interessante para atender as expectativas que elaboramos, uma vez que programas de *podcasts* acadêmicos voltados a outras áreas do conhecimento científico já se apresentavam como eficientes ferramentas de divulgação científica ouvidas

no mundo todo, além de ser uma ideia divertida, pois poderíamos experimentar vários formatos, fazer do nosso jeito explorando forma e conteúdo, exercitando nossa criatividade ao articular as dimensões estética e discursiva.

Como resultado do projeto de extensão, entregaríamos à sociedade programas que todos podem ouvir a qualquer hora do dia, conciliando, inclusive, com outras atividades. Sempre, em nossas conversas, imaginamos as ouvintes lavando os pratos ou fazendo exercícios físicos, escutando simultaneamente um dos programas. Essa é uma vantagem do *podcast* que muito nos atraiu: na correria da vida, é possível encaixar um *podcast* na sua agenda do dia sem prejuízo às demais atividades presenciais. Vale ressaltar que a opção por um *podcast* também estava ligada ao desejo de produzir um arquivo. Queríamos construir uma “podoteca” reunindo um conjunto de debates sobre os temas que nos interessavam como coletivo e as nossas alunas, com pontos de vistas de diversas participantes. Um arquivo que também estivesse disponível para ser integrado às aulas e que ele próprio fosse fonte de pesquisa por salvaguardar o registro de discussões das Ciências Humanas de um determinado momento e contexto, podendo sempre ser revisitado e seus conteúdos, criticamente analisados.

Alguns de nós já acompanhava *podcasts*, mas nunca tínhamos produzido conteúdos acadêmicos para a internet, então técnica e expertise com as tecnologias necessárias seriam nossos desafios. À revelia das dificuldades, arriscamos. Organizamos nossas ideias e elaboramos um projeto de extensão. Chamamos esse projeto de “Museológicas Podcast” que passou a ser coordenado pelas professoras Francisco Sá Barreto e Hugo Menezes Neto e envolveu os grupos de pesquisa dos cinco professoras engajados².

Em seguida, conseguimos a adesão voluntária de um grupo de discentes³, formando uma equipe que se manteve junta até o final de 2020. Essa equipe toda vem trabalhando intensamente na realização das ações do projeto, trocando conhecimentos e aprendendo a lidar com as demandas do *podcast*, algo tão novo

2 O Observatório de Museus e Patrimônio – Observamus; Grupo de estudo Museo-Lógicas; Laboratório de Multimídia, Laboratório de Estudos Avançados em Cultura Contemporânea, LEC; e Grupo de Pesquisa Curupiras: colonialidades e outras epistemologias, além do Laboratório de Expografia (Expolab).

3 As alunas do curso de bacharelado em Museologia: Iri Freitas, Sofia Moreira, Talita de Melo e, ainda, Maria Clara Costa, do curso de Bacharelado em Cinema (UFPE), além de Luísa Nóbrega, mestranda da Pós-graduação em Antropologia na UFPE.

para todos. O principal objetivo era construir um conjunto de conteúdos que fossem elaborados coletivamente - como mostraremos adiante -, mas não somente. A ideia geral era a de que o Museu das Podcasts pudesse funcionar como instrumento de aproximação de professores, estudantes e demais interessados naqueles temas, acreditando no que Paulo Freire chamaria de uma “pedagogia inovadora”. Ou seja, desde o princípio nosso maior interesse era utilizar o *podcast* como uma ferramenta de incremento dos recursos didáticos para a sala de aula, bem como o interesse em ultrapassar as fronteiras da mesma, produzindo e reforçando o que poderíamos livremente chamar de uma arena de debates.

O nome escolhido deriva do curso de graduação em Museologia, abrigado no nosso Departamento e no qual todos os cinco professores atuam. A princípio, gostaríamos de explorar lógicas museais e museológicas, a saber, um *podcast* que falasse sobre patrimônio e museus, em interface com a Antropologia, o curso de pós-graduação de nosso Departamento. Com o tempo, o Museu das Podcasts passou a ser um *podcast* de crítica da cultura, discutindo questões da sociedade contemporânea, ampliando o universo museológico inicial.

Com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), através de fomento a projeto de pesquisa, adquirimos equipamentos básicos para gravação dos programas (gravadores, microfones, mesa de som etc.). Esse recurso, contudo, não cobria as rubricas para o pagamento da plataforma que abrigaria o nosso material (SoundCloud). Para resolver esse problema dividimos as despesas entre os cinco professores envolvidos e, assim, por quase dois anos rateamos e custeamos com nossos recursos pessoais esse pagamento até realizarmos a transferência de todo o conteúdo para uma plataforma gratuita (Anchor), em dezembro de 2020.

Gravamos e lançamos o nosso primeiro programa em maio de 2019. Trata-se de uma entrevista com o museólogo e antropólogo Bruno Brulon, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que estava em Recife para proferir uma palestra na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Esse primeiro momento foi um grande laboratório. Aventuramo-nos na feitura de um programa sem saber exatamente uma fórmula, um modo certo de fazer as coisas. Despreocupados com o tempo e com a edição, cada um de nós fez perguntas sem um roteiro previamente consolidado. Com a experiência posterior, de meses de

trabalho, contudo, desenvolvemos nosso próprio passo a passo de pré-produção, produção e divulgação.

Daí em diante muitos programas foram criados, vimos nossa audiência crescer e aprendemos aos poucos, com erros (muitos) e acertos, sobre como fazer essa ideia funcionar. Entendemos logo de início, principalmente, que precisávamos de um roteiro e de um controle mais eficiente do tempo, e que um estaria ligado ao outro. Entretanto, refletindo sobre nosso próprio trabalho com o projeto de extensão, passamos a compreender que o roteiro é uma previsão preliminar do andamento do programa, não um instrumento de controle do encontro imprevisível entre nós e aqueles que convidamos, ele precisa ser poroso e nós precisamos estar dispostes a nos deixar caminhar pelo inesperado que escapa ao roteiro e faz do programa algo surpreendente para quem produz e para quem ouve. Rapidamente percebemos que o tempo ideal para um programa ser bem reproduzido é de 30 a 40 minutos e que um roteiro, e uma edição a ele conectada, pode nos ajudar a manter essa média.

Porém, no percurso do projeto reaprendemos que isso não deve ser o mais importante, que algumas discussões não devem ser reduzidas e adequadas a um tempo específico, que algumas pessoas precisam ser ouvidas plenamente, porque foram historicamente silenciadas. Acreditamos que o mais importante é o valor documental do registro que estamos produzindo e salvaguardando. Assim, do mesmo modo que realizamos programas dentro da média estipulada, também colocamos no ar, por exemplo, um programa com três grandes nomes da cultura afro-brasileira em Pernambuco (Mãe Lúcia dos Prazeres e os mestres de capoeira Orum e Joab Jó) com mais de duas horas de duração no qual discutem, de modo brilhante, racismo e ancestralidade negra.

Começamos sem experiência e aprendemos a fazer na prática, construindo e desconstruindo ideias cotidianamente por meio da análise crítica do nosso trabalho e dos nossos objetivos perante a sociedade.

Seduzidos pela comunicação

O êxito de *podcasts* acadêmicos no campo das Ciências Sociais, tal qual o nosso, aponta para a demanda por novas políticas de comunicação com uso da tecnologia em favor da democratização do acesso ao conhecimento. Nós mesmos fazemos todas as partes do processo de produção do *Museológicas Podcast*,

sem o auxílio de um estúdio ou de especialistas nas técnicas de gravação e edição das gravações. Foi preciso que aprendêssemos, por exemplo, técnicas de edição e também formas de divulgação do material produzido, de modo a realizarmos as etapas do processo de nossas casas, antes mesmo do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

Cada membro da equipe colabora nas atividades com as quais mais se identifica; uns nos bastidores, outros na condução dos programas e na difusão. É importante frisar, no entanto, que não pretendemos concorrer para uma profissionalização das técnicas e do dispositivo em si. Entendemos que a manutenção do amadorismo, nesse sentido, contribui com a adesão de estudantes e com a ideia de que o projeto é, de fato, não somente comandado, mas integralmente realizado por professorias e estudantes que aprendem entre si a manter o projeto funcionando.

O Museológicas *Podcast* se baseia, como conceito fundamental, em programas de encontros com boas conversas entre nós da equipe e pessoas convidadas a participar, porém, elas devem ser sempre as protagonistas, e nós es mediadoras. Queremos imprimir uma linguagem direta que não se remeta a um texto acadêmico. Assim, acreditamos que gravar um programa de *podcast* se converte numa excelente oportunidade de encontrarmos pessoas que queremos conhecer, consolidar diálogo, trocar experiências. Para o encontro, então, formulamos perguntas que impulsionam a nossa interação. Não queremos fazer do *podcast* uma plataforma de autopromoção, mesmo sabendo que ele concede à equipe certa visibilidade, uma vez que circula amplamente na internet. A nossa interação deve ser capturada de modo sensível, a conversa deve ser inteligível e ocupar lugar central na experiência de escuta. Por isso, direcionamos e ouvintie a mergulhar apenas no diálogo, dispensando quase sempre o uso de outros recursos sonoros. Nesse sentido, não editamos as falas des pessoas, a não ser hesitações e espaços vazios. Em todas as gravações, somente editamos falas quando es pessoas convidadas pediram para que algo dito fosse retirado para a versão final.

Desenvolvemos ainda um *modus operandi* próprio, um conjunto de procedimentos em etapas com vistas à confecção dos programas, assim estabelecidas: pré-produção, produção e divulgação. A organização desses procedimentos é feita nas reuniões sistemáticas com a equipe.

Na pré-produção, discutimos conjuntamente o tema do programa, elencamos quem serão es participantes (es pessoas convidadas e es integrantes da equipe), estudamos o assunto a ser abordado, construímos o roteiro, realizamos

o contato com e convidade e o agendamento para a gravação. Além disso, decidimos quem serão os apresentadores dentre os membros da nossa equipe de acordo com a afinidade em relação ao conteúdo a ser conversado.

Na etapa da produção ocorre a realização efetiva da gravação. Em seguida, ocorre a edição (Audacity e GarageBand são os *softwares* mais utilizados pela equipe) do que foi gravado, com o corte de partes dispensáveis e edição de som, para alcançar maior qualidade no programa finalizado.

A última etapa é a divulgação, que consiste na publicação e no trabalho de promoção do programa. Os bolsistas do projeto desenvolvem um projeto gráfico individual para o programa, que ilustre sobre o conteúdo veiculado e que será subido junto com ele para as plataformas. O projeto gráfico é postado nas redes sociais, junto com um texto criado especialmente para explicar o conteúdo do material divulgado. A divulgação ocorre especialmente no Instagram, Facebook, YouTube e também pelo WhatsApp. São publicadas fotos dos bastidores da gravação na véspera da publicação do programa, com a arte, o texto explicativo e o link para o acesso.

Toda a equipe se esforça para impulsionar os programas em suas redes. Duas pessoas se encarregam de se comunicar com a audiência, que interage por meio dessas redes. Nesse aspecto, os comentários são importantes *feedbacks* sobre o trabalho e inclusive apresentam sugestões para novos programas. Mas ainda consideramos o *podcast* um suporte frio de interação - sem interação imediata - com a audiência, haja vista não sabermos quando e como os ouvintes estão acessando os programas.

Embora nos esforcemos fortemente para que os programas do *podcast* ganhem projeção, o mais importante para nós é formação de um acervo, um conjunto de debates e discussões que podem servir para apresentar à sociedade o que faz a universidade pública, o que pensam os pesquisadores, em especial, aqueles ligados às ciências humanas e sociais. Entregamos como devolutiva social e como uma forte atividade extensionista, conteúdos gratuitos, acessíveis e informativos. O número de reproduções ou acessos é um desdobramento do árduo trabalho, mas que não deve ser a principal preocupação.

Em tempo, é importante insistir que o *podcast* é um convite para um público desconhecido, como já parece claro, mas não o é somente. Ele tem funcionado como importante ferramenta de articulação interna entre os membros, bem como os demais professores e estudantes do departamento e dos cursos de Museologia

e Ciências Sociais, de forma mais imediata. Há, nele, a possibilidade do desejo realizado da comunicação científica executada de forma mais linear, menos hierarquizada e em linguagem pretensamente mais acessível a uma usuária que ainda estamos em vias de conhecer.

Trabalho em séries

Começamos em 2019, no que consideramos um ano de experimentação e de aprendizado. Lançamos dois episódios por mês, em média, e convidamos muitos pesquisadores pernambucanos. Gravávamos presencialmente, com os nossos equipamentos, e, devido à falta de recursos financeiros para deslocamentos, dependíamos da oportunidade para conseguir uma agenda com uma convidada de fora do estado de Pernambuco. Aproveitávamos eventos acadêmicos para articular gravações nos intervalos das atividades, ou quando professorias de outras instituições estavam no Recife e na UFPE para alguma atividade científica ou participação em bancas, e assim conseguíamos nos encontrar com pessoas de perfis variados para as entrevistas, mas quase todas vinculadas a um campo ampliado da crítica da cultura - profissionais, pesquisadores, estudantes de um vasto universo temático da cultura.



Foto da gravação do *podcast* com a professora Verona Segantini (UFMG). Gravação presencial realizada em 04 de dezembro de 2019. Autoria: Manuela da Silva.

Em nosso primeiro programa, éramos quatro professorias entrevistando uma convidada: esse seria o formato inicial a seguir. A ideia era oferecer uma entrevista qualificada sem tom de sabatina acadêmica, como uma conversa. Porém, logo percebemos que poderíamos testar outros formatos. Gravamos palestras proferidas e, depois de autorizado, convertimos o material em programa; gravamos um programa com plateia, tentando capturar a espontaneidade da interação imediata; registramos, ainda, rodas de conversas sobre assuntos específicos com a participação das professorias da equipe.

Os temas dos programas estavam relacionados ao debate público do momento que poderia mobilizar a Museologia e a Antropologia, ou ao calendário político, como datas importantes para as lutas sociais que dizem respeito às questões de gênero, sexualidade e relações raciais. Fizemos programas especiais, tais quais, por exemplo, o do mês da consciência negra, o do período das celebrações do mês do Orgulho LGBTQIA+ e o das comemorações do Dia Internacional da Mulher. Eventos que demandavam discussões urgentes, como o incêndio do Museu Nacional, ou o sucesso de um filme de teor político, como *Bacurau*, também ensejaram nossa produção. Era um trabalho muito pautado na ocasião, na oportunidade, e aproveitando prioritariamente os nomes de pesquisadoras locais.

Em 2020, o projeto ganhou novos contornos. A pandemia da Covid-19 nos empurrou para a produção a partir dos registros em ambiente virtual e precisávamos reinventar nossa dinâmica de trabalho. Surpreendemo-nos, entretanto, com as novas possibilidades, especialmente no que diz respeito à expansão da rede de contatos e com a disponibilidade de professorias de várias regiões do Brasil, bem como do exterior. Nosso primeiro movimento foi, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, construir uma série de programas que apresentassem debates da Antropologia acerca da pandemia em curso, contando com pesquisadoras antropólogas de todas as partes do país.

Foram produzidos 30 programas da série intitulada *Anthropológicas* - homônimo da Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, recurso para marcar o vínculo entre as ações da graduação e da pós. Entre os meses de abril e agosto de 2020, lançamos ao menos dois episódios por semana. Contamos com 45 convidadas que concederam entrevistas aos autores deste artigo, que, junto com o professor Alex Vailati (PPGA/UFPE), produziram a série em

encontros *online*, com áudios gravados pela plataforma Jitsi, todos em suas casas, falando das mais diferentes cidades ao redor do país.



Print da gravação *on-line* do programa 24 da série *Anthropológicas*. Alex Vailati, Francisco Sá Barreto e Hugo Menezes, entrevistam Salima Cure (Comissão da Verdade da Colômbia) sobre a pandemia da Covid-19 e os conflitos armados na Colômbia.

Os ruídos, *delays*, interrupções momentâneas devido à dinâmica doméstica da equipe e das convidadas, o som de menor qualidade, todos esses novos elementos foram incorporados ao que chamamos de estética da pandemia. Respondemos de imediato à questão de como as Ciências Humanas e Sociais podem atuar durante a pandemia: ajudando a pensar a experiência social no curso mesmo da maior crise sanitária da história recente, pesquisando e identificando problemas e efeitos do isolamento social e da vivência pandêmica. A série *Anthropológicas* teve grande repercussão, foi repostada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e nos boletins sobre a Covid-19 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), além de ter sido e seguir utilizada como subsídio para aulas assíncronas por diversas universidades. Alcançamos números expressivos de reprodução e acesso aos programas. Entre abril e agosto de 2020, foram mais de 12 mil reproduções dos programas da série em todas as plataformas em que o *Museológicas* está disponível.

Com a instalação da quarentena e isolamento social no Brasil, passamos a ofertar mais programas, com temas, em muito, voltados para o debate sobre a Covid-19 em diversos aspectos e com mais possibilidade de pessoas a serem entrevistadas direto de suas casas, atraindo maior atenção do público e alcançando lugares onde não esperávamos chegar. Os dados produzidos pela plataforma que hospedou o Museológicas Podcast, o *SoundCloud*, ajudam a iluminar o crescimento do projeto, como nos mostra o quadro a seguir:



Elaborado pelas autories, com o *software* CANVA®

Esses dados destacam a relevante ampliação dos cliques e da circulação de um tipo de programa que não se inscreve como mero entretenimento. Indicam que o *podcast* está se consolidando como uma (nova) tecnologia a favor da construção e difusão do conhecimento, mostrando para a sociedade o que fez a universidade, mais especificamente as Ciências Humanas e Sociais, durante a pandemia.

A experiência bem sucedida da série *Anthropológicas* nos levou a reorganizar nossa dinâmica de trabalho. Dividimos tempo e esforços entre a produção

de novas séries, com episódios interligados por um eixo condutor, e programas individuais relacionados às datas das lutas sociais e aos eventos importantes que ocorrem no curso da vida social. O objetivo de continuar com os programas individuais é não perder o frescor do debate que se sucede a um evento crítico, e evitar que nos desconectemos das mobilizações em tornos de temas politicamente importantes com os quais a Antropologia e a Museologia trabalham, e que também se relacionam diretamente com a universidade pública.

Produzimos, então, a série *A China e a Covid-19*, sobre o lugar da China na discussão sobre a pandemia, e a série *Linhas Cruzadas*, que debate o cruzamento entre Museologia e outras áreas do conhecimento. Inovamos com parcerias e novos formatos. O *podcast* foi a plataforma para o lançamento de um livro, com a série *Carnaval Sem Fronteiras* (parceria com UFRJ e UFF), formada por quatro episódios dos quais participaram autories da coletânea homônima, conversando sobre seus artigos, lançada no segundo semestre de 2020. Também experimentamos ser o *podcast* parte da programação de um evento virtual com a série *Museus e Resistência*. Nela, a cada semana do mês de outubro um programa foi lançado como parte das atividades desse Congresso de mesmo nome promovido pelo curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



Exemplos de projetos gráficos das séries *Anthropológicas*, *Covid-19 e a China*; e *Carnaval sem fronteiras*

Em 2020, foram produzidos 46 programas distribuídos em 5 séries. Além deles, o Museológicas Podcast tem outros 14 programas “avulsos”, os quais apresentam questões sobre museus e patrimônios, e também debatem outras pautas das Ciências Sociais, totalizando 60 programas ao longo do ano. Segue, a seguir, uma tabela com os dados das séries de 2020 sistematizados para melhor apreciação:

Série	Número de Episódio	Período de publicação	Parcerias
<i>Anthropológicas</i> Dedicada à discussão da Antropologia sobre temas sociais relacionados ao contexto da pandemia.	30	Abril - Agosto	Os quatro últimos episódios foram realizados em parceria com o PPGA da UFPB.
<i>Linhas Cruzadas</i> Discute temas que que perpassam a Museologia e outras áreas de conhecimento.	4	Junho - Julho	
<i>A China e Covid-19</i> Debate o lugar da China da discussão sobre a pandemia da Covid-19.	3	Julho - Agosto	
<i>Carnaval Sem Fronteiras</i> Realizada para lançamento do livro homônimo sobre as escolas de samba no Brasil e no mundo. Es autories apresentam seus artigos publicados nessa coletânea.	4	Setembro	UFRJ e UFF
<i>Museus e Resistência</i> Esta série foi parte integrante do evento de mesmo nome. Trata de temas que articulam os museus e uma agenda de debates sociais urgentes.	5	Outubro	UFSC
Programas publicados, para além das séries, em 2020.			
- Frevo patrimônio Imaterial do Brasil. - O 8 de março e a luta social das mulheres. - Desafios das Museologia 10 anos depois. - Gênero e Democracia. - A Museologia e a pandemia partes 1 e 2 (programa duplo de aniversário do projeto). - Cidades Globais e pandemia (entrevista com Saskia Sassen). - Políticas culturais, Neoliberalismo e pandemia (entrevista com George Yúdice). - Musealização de objetos de carnaval no Museu Nacional - Questão racial na perspectiva marxista (entrevista com Jones Manoel).			

- A Universidade e o ensino remoto (entrevista com o Reitor da UFPE, Alfredo Gomes).
- As tarefas políticas da Museologia e a formação universitária.
- O pensamento de Paulo Freire e os Museus.
- Representatividade de gênero e raça nos museus: mulheres negras na Museologia.
- Ancestralidade e cultura negra: uma conversa com os mestres.

Organizar o trabalho no formato de séries permite aprofundar discussões importantes apresentando pontos de vistas distintos, a partir de mais de um encontro com diferentes convidadas, acerca dos mesmos temas ou assuntos correlatos. Ganhamos com as séries mais espaço para o debate e colocamos mais pessoas em diálogo. No entanto, mesmo nos organizando previamente para produzir programas dentro de séries, acreditamos que deve haver espaço na nossa agenda para programas individuais que respondam às demandas do momento e ao calendário das lutas políticas. Tanto quanto as séries, os programas individuais visam difundir a pesquisa, qualificar a experiência acadêmica, mas também se propõem a dar espaço para vozes da militância a favor das causas feministas, antirracistas, em prol da diversidade sexual e de gênero, contra LGBTQIA+fobia, o racismo e o machismo. Entendemos, ao longo do percurso, que o *podcast* pode ser uma importante ferramenta de formação política e nas disputas simbólicas a favorecer grupos historicamente oprimidos e subalternizados.

O mundo como audiência

O projeto tem sua ampla maioria das reproduções baseadas no Brasil (75%, aproximadamente). Os demais 25% se distribuem por 54 diferentes países, com destaque para Estados Unidos, França e Portugal. No Brasil, sendo um projeto oriundo da UFPE, cerca de 25% das reproduções são do Recife (2449). Rio de Janeiro (868), São Paulo (466), Brasília (381), Salvador (367), Porto Alegre (351), Goiânia (335), Fortaleza (263), Paris-FRA (253) e Belo Horizonte (225) completam a lista das 10 cidades que mais ouvem programas do projeto na plataforma *SoundCloud*. Ainda destacamos a presença de Aushburn, São Francisco e Columbus (Estados Unidos), Dublin (República da Irlanda), Vila Nova de Gaia e Lisboa (Portugal), Ris-Orangis (França), Maputo (Moçambique), Bruxelas (Bélgica) e Jacarta (Indonésia) – 11 cidades estrangeiras – entre as 50 principais cidades. Entre as dez primeiras,

falamos de três cidades nordestinas, três do Sudeste, duas do Centro-oeste, uma do Sul e uma estrangeira.

Esses dados demonstram uma circulação em todo território brasileiro, notadamente quando as pessoas entrevistadas - das mais diversas universidades brasileiras - eram oriundas dessas cidades. Talvez a melhor exceção dessas observações sejam, fundamentalmente, os programas que mais circularam: o episódio 3 (Jean Segata, sobre epidemias e sociabilidade digital) e o 7 (Lília Schwarcz, sobre China e racismos contemporâneos), ambos com grande número de reproduções distribuídas em todo o território e com número percentualmente mais modesto em Recife.

Tanto na série *Anthropológicas* quanto nos demais programas do projeto, os dados mostram que a circulação dos conteúdos tem acessado também cidades sem *campus* universitário, bem como centros menos destacados na produção das Ciências Sociais no Brasil, configurando-se enquanto dispositivo potencialmente promissor para comunicação científica, mas não somente. Durante a pandemia, o nosso *podcast* manteve minimamente conexões entre atores muito diversos, ora nos programas em si, ora no perfil geográfico de sua audiência, o que nos permite inferir a respeito de uma complexa apreensão da dimensão de público em tempos de pandemia.

O público pode vir a ser um conjunto difuso e pouco controlável de arquivos digitais, articulando casas e ruas em cidades grandes e pequenas e classes sociais diversas. Essa característica sempre orientou o projeto, que entende o conjunto de produtos também como um arquivo a ser consultado por ouvintes interessados nos assuntos, não necessariamente quando da publicação dos programas. Os programas de maior circulação refletem a presença de convidadas mais conhecidas, que conseguem fazer circular mais o próprio programa, esforço além daquele que já fazemos para a divulgação do mesmo.

O que significa ou pode vir a significar uma ainda maior circulação do material publicado? Se, por um lado, os processos de circulação do conhecimento incorporam dinâmicas típicas da *click economy*, não podemos negar, por outro lado, que esses processos permitem abranger maior público e democratizar ainda mais

os conteúdos das Ciências Humanas e Sociais no Brasil. Esse dilema claramente surge da nossa experiência com o *podcast* e se inscreve de modo pontual no debate sobre etnografia multimodal, entendida aqui como o uso de uma infraestrutura específica, que permite produzir formas específicas, e que, ao mesmo tempo, possibilita uma análise crítica da infraestrutura utilizada.

Considerações finais

Nesses quase dois anos de projeto, de aprendizados e de trocas intensas entre a nossa equipe, e com a centena de convidadas que fizeram parte dos nossos programas, é possível identificar, além das alegrias e êxitos, alguns desafios a serem enfrentados.

O primeiro deles é de financiamento e manutenção da equipe. Um projeto de extensão como um *podcast* necessita de pessoas com expertises bastante específicas. Precisamos de bolsas para atrair e manter os alunos envolvidos nas atividades, além de financiamento para investir na qualificação de pessoal nas várias etapas técnicas da produção de um *podcast*, ainda que tenhamos escolhido o amador como linguagem política. Todavia, a extensão é a constituinte da experiência universitária que recebe menos atenção, recursos e bolsas, o que limita as nossas ações e nos faz funcionar com uma equipe reduzida e com restrições técnicas em virtude da impossibilidade de aquisição de equipamentos para alcançarmos maior qualidade sonora dos nossos produtos. O projeto ainda não se sustenta sozinho. Neste momento, depois de um ano e oito meses pagando dos nossos próprios recursos, em formato de rateio entre os cinco professorias da equipe, estamos passando do hospedeiro pago para um gratuito, o *Anchor*.

Outro desafio é na ordem da promoção ou difusão do trabalho. Não é fácil fazer circular os programas e também acessar material semelhante produzido por diferentes universidades. Para tanto, estamos nos organizando em torno de uma promissora rede de *podcasts* de Antropologia, a *Kere-kere*, pensando soluções para divulgarmos-nos mutuamente. *Kere-kere* tem sido um ótimo grupo para trocas de experiências e de técnicas para buscar soluções frente aos problemas que impactam, de uma maneira ou de outra, a todos os realizadores de *podcasts* de Antropologia no Brasil. Estamos muito entusiasmados com a ideia de estar

em uma podosfera colaborativa, da qual fazem parte pessoas interessantes com produtos diversos, bem como, com a possibilidade real de projetarmos o *podcast* como uma ferramenta didático-metodológica e lugar de reflexão e análise do social mais acessível, parte de novas políticas comunicacionais para aproximar a academia da sociedade.

Ainda, um desafio a ser vencido é o da valorização desse trabalho. Fazer um *podcast* demanda tempo, estudo, articulação e resulta em um material de conteúdo acadêmico. Todavia, onde colocar no *lattes*? Como as professorias da pós-graduação podem se envolver com um projeto de extensão que exige tanto se ele não conta (quase) nada para seus currículos ou para a avaliação institucional do docente? Como a pós-graduação pode acolher e incentivar projetos como esses que temos espalhados nas universidades do Brasil se com *podcasts* ela não ganha pontos, tal qual outras produções acadêmico-científicas, para suas avaliações junto aos órgãos de incentivo e fomento à ciência? Docentes vinculados às pós-graduações não são incentivados a investirem em projetos como a produção de podcasts porque eles ainda não são parte da contabilidade das avaliações institucionais, embora novas formas de comunicação científica sejam um tema no debate das universidades no mundo inteiro.

Por fim, entendemos que o maior desafio em questão permanece sendo o da comunicação estruturada no diálogo. Pode o *podcast* operar como potente instrumento de produção e circulação de comunicação, no sentido freiriano da palavra? Em tempos de sociabilidades digitais, não podemos e não desejamos nos furtar do desafio não necessariamente de responder a essa questão, mas de seguir qualificando sua elaboração. Conhecer, comunicar, articular e expandir parecem ser grandes desafios pedagógicos que compreendem zonas ampliadas de nossa atuação na universidade para a universidade, mas também na universidade para aquilo que a sustenta e justifica: a sociedade brasileira. A dialogicidade que nos desafia, portanto, é aquela que nos mobiliza a partir de uma política dos encontros que não se encerre em salas de aula; que se expanda aos incontáveis rincões do país, mas, ainda, esteja também disposta a recosturar a experiência docente e discente em tempos tão sombrios.



Acesse aqui a página do *podcast* Museológicas na Rádio Kere-kere

Hugo Menezes Neto: Doutor em Antropologia (UFRJ/IFCS), professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador do Projeto de Extensão Museológicas Podcast. Pesquisador dedicado aos temas ligados ao patrimônio imaterial, museus, teoria dos objetos, festas e cultura popular. *E-mail:* hugo.menezesnt@ufpe.br

Francisco Sá Barreto dos Santos: Doutor em Sociologia (PPGS-UFPB), Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenador do Projeto de Extensão Museológicas Podcast. Pesquisador dedicado aos estudos urbanos e políticas de patrimonialização em contextos pós-coloniais. *Email:* francisco.bsantos@ufpe.br